

31 March, 2009

Entrevista: Natasha Olsen, pilar da seleção brasileira de Rugby Sevens

Filed under: [Geral](#), [Brasil](#)

DROPOUT conseguiu uma entrevista com **Natasha Olsen**, pilar da seleção brasileira de Rugby Sevens. Natasha foi muito simpática e resolveu atender ao convite do nosso modesto blogby, em uma época em que a seleção feminina de Sevens já esteve no Pânico, no Amaury Jr. e, até mesmo, no **Domingão do Faustão!**

A atleta falou sobre a campanha inédita da seleção feminina no Mundial de Dubai, que aconteceu nos dias 6 e 7 de Março. A seleção brasileira chegou na 10a. posição e, por pouco, não trouxe um caneco para a casa.

Classificadas no Grupo C com Canadá, Espanha e Tailândia, as brasileiras foram derrotadas pelas espanholas por **19 a 0** e pelas canadenses por **38 a 0**, mas venceram as tailandesas por **12 a 10**. Com a 3a. posição no Grupo C, o Brasil se classificou para a disputa do Bowl (Taça Bronze), que reúne seleções do 9o. ao 16o. lugar.

Nas quartas-de-final do Bowl, nossas atletas bateram a seleção de Uganda por **12 a 7**. Na semifinal, as brasileiras conquistaram mais uma vitória, desta vez contra a Rússia, por **17 a 12**.

Na final, o Brasil perdeu para a China, pelo apertado placar de **10 a 7**. Apesar da derrota, a participação da seleção foi histórica para o rugby brasileiro, e em especial, para o rugby feminino.

DROPOUT: A seleção está satisfeita com a campanha no Mundial, ou há uma certa frustração, já que a China ganhou o Bowl por apenas 3 pontos de diferença?

Natasha Olsen: Sem dúvida, ficar entre as 10 melhores seleções de seven a side do mundo é um bom resultado. Pensando “friamente”: o Brasil não tem tradição no esporte - o rugby feminino especificamente é jogado há 12 anos por aqui, a seleção não teve apoio ou patrocínio... Esta foi a primeira vez que uma seleção brasileira entrou em campo em uma Copa do Mundo de Rugby e ficar entre as 10 melhores equipes do mundo é uma conquista, não só da seleção, mas de todas as rugbiers brasileiras e de todos os que acreditaram e trabalharam pelo rugby feminino aqui no Brasil. Mas é claro, existe o lado emocional, e a gente queria mais. O jogo com a China, por exemplo não sai da minha cabeça. Eu e outras jogadoras já assistimos a partida muitas vezes, vimos e revimos, ficamos analisando, imaginando o que poderia ter sido diferente. Perder a final por 3 pontos foi duro e continua sendo difícil. Mas agora o que queremos é seguir em frente e transformar a participação na Copa do Mundo em um ponto de partida para o rugby feminino no Brasil, pensar em como jogar mais e melhor daqui para frente. É triste voltar depois de uma experiência como a que vivemos em Dubai e não saber quais serão os próximos desafios, as próximas metas a serem atingidas, não só pela seleção brasileira, mas aqui dentro do Brasil mesmo. Não temos um calendário de competições - dentro e fora do Brasil. Precisamos disso. O rugby feminino tem muito o que crescer. Essa é uma certeza que trouxemos.

O Brasil venceu seleções de países onde o atleta é mais valorizado, como a Rússia, mas também mostrou que está

longe de países como Canadá e Espanha. O que deve ser feito para que o Brasil possa, no futuro, jogar de igual para igual com estas equipes?

Em primeiro lugar precisamos competir mais, jogar torneios com um nível de exigência maior. O ritmo de jogo é diferente, a parte física influi muito. Para chegar a um nível melhor, precisamos jogar num nível melhor. É difícil se igualar às grandes potências estando isoladas. Isso vale também para as competições nacionais. Precisamos jogar mais. Oficialmente o feminino tem um circuito de seven-a-side jogado em 5 etapas, é muito pouco.

A ABR ajudou as jogadoras e a comissão técnica na preparação para o Mundial?

Recebemos apoio da ABR quando fomos viajar para a Holanda no primeiro semestre de 2008. Esta gira foi fundamental para o grupo, jogamos nosso primeiro jogo internacional de XV e participamos do Heineken Sevens, primeiro torneio em que entramos em campo com seleções como Nova Zelândia, Inglaterra, Estados Unidos... Conhecemos a “realidade” do jogo internacional, muito mais exigente fisicamente e mais veloz, não só em relação à velocidade de corrida, mas de tomada de decisão, de reação. Infelizmente, depois desta viagem não tivemos nenhuma outra oportunidade de jogar partidas neste nível. Por falta de verba deixamos de participar de outros torneios internacionais para os quais fomos convidadas e isso com certeza seria muito importante na nossa preparação. Na reta final, nos faltou até campo para treinar, por exemplo. Mas esta é a nossa realidade e procuramos fazer o melhor com aquilo que nos foi oferecido. Os custos da preparação e da viagem, que vão desde as passagens das atletas de fora de São Paulo para treinos até nossos uniformes de jogo, foram pagos pelas atletas e comissão técnica. Para isso usamos a criatividade, fizemos o calendário e alguns eventos, pedimos doações da comunidade do rugby. Fora isso, tivemos o

*apoio do governo federal, através do bolsa-atleta. Mas, se nos faltou apoio por um lado, por outro lado tivemos um grupo de pessoas maravilhosas trabalhando conosco: preparador físico, José Eduardo, fisioterapeuta, Allan Joseph, **nutricionista, Marco Jafet**, psicóloga, Regina Silva, auxiliares técnicos, Maurício Migliano e Leandro Gevaerd, médico, Renato Masagão. Além disso, treinamos na Cia. Atlética que nos apoiou durante o ano todo passado, o que foi muito importante na parte física.*

Na sua opinião, o que deve ser feito para tornar o rugby, um esporte escandalosamente impopular no Brasil, mais conhecido nestas terras?

Eu sou um pouco suspeita para falar porque sou completamente apaixonada pelo rugby. Acho que falta divulgação, porque o esporte é maravilhoso. As pessoas precisam conhecer o esporte. O rugby não é impopular no Brasil porque o brasileiro tem alguma resistência ao esporte ou não goste de rugby. O brasileiro não sabe o que é rugby. Acho que com bons resultados das seleções nacionais, com mais e mais jogos sendo transmitidos pela TV, a tendência é que o rugby ganhe mais fãs e mais jogadores. A transmissão da Copa do Mundo em 2007 é um exemplo disso. Nós estamos fazendo nossa parte, graças a Deus estamos conseguindo falar de rugby em revistas e programas de TV.

Como tem sido a repercussão do sensual calendário seminu?

Na verdade maior do que esperávamos. Nunca tivemos tanto espaço na mídia e isso é extremamente positivo para o esporte. Pode ser que em um primeiro momento se fale do calendário explorando o lado sensual das fotos, mas para isso é preciso falar do rugby, o que para gente é o mais importante. A princípio foi uma maneira que encontramos de levantar algum dinheiro e, mais do que isso, através do calendário conquistamos um espaço na mídia para falar sobre rugby.

O rugby tem a fama de ser um esporte muito violento e agressivo, ainda que esse estigma não corresponda à realidade. Sendo assim, que argumentos devemos utilizar para convencer uma delicada adolescente da grande metrópole a abraçar o rugby como sua atividade desportiva?

Olha, eu já pratiquei diversos esportes e em nenhum eu encontrei tudo o que encontro no rugby. É um esporte completo, que envolve a entrega física, a concentração mental, traz uma ideologia de companheirismo e respeito que não encontrei em nenhum outro esporte. Acho que quem procura uma atividade esportiva, gosta de esportes, né? Então, vai gostar de rugby com certeza. E isso não tem nada a ver com características masculinas ou femininas. O rugby é um esporte para quem ama esportes, seja homem ou mulher. Contra este estigma de brutalidade, nada melhor do que ver as mulheres jogando.

DROPOUT agradece a Natasha Olsen pela atenção e parabeniza a seleção de sevens pela campanha em Dubai. Também agradecemos a Gustavo Faraon , sem o qual esta entrevista não teria acontecido.

2 Comentários »

O URI para o TrackBack deste post é:

<http://dropoutrugby.blogspot.com/2009/03/31/entrevista-natasha-olsen-capita-da-selecao-brasileira-de-rugby-sevens/trackback/>

1. Boa entrevista! *Comment por [Gustavo Faraon](#) — 1 April, 2009 @ [12:25 pm](#)*
2. Uau, parabéns! *Comment por Igor - Vitória Rugby — 1 April, 2009 @ [4:14 pm](#)*

[RSS feed for comments on this post.](#)